



**OCORRÊNCIA DE MODALIZAÇÃO EM RECORTES DO JORNAL ON LINE  
“LA NACIÓN”  
OCCURRENCE MODALIZATION CUT JOURNAL ON LINE "LA NACIÓN"**

**Rejane Hauch Pinto Tristoni<sup>1</sup>  
Jerry Silvio Tristoni<sup>2</sup>  
Andréia Viola Labastia<sup>3</sup>**

**RESUMO:** Este trabalho é parte de uma pesquisa, ainda, em andamento, cujo objetivo é investigar o papel modalizador de certos vocábulos a partir da análise de recortes do jornal “La nación” veiculado na internet durante dezembro de 2008 a maio de 2009, considerando o modo como as pessoas conseguem comunicar-se por meio da língua, transmitindo suas crenças e seus juízos de valor. É possível observar que os elementos modalizadores retirados deste jornal retratam uma atitude avaliativa do produtor do texto em relação à mensagem expressa e, ainda, estabelecem uma interlocução mais ativa com o leitor no sentido de tentar convencê-lo a respeito da validade da opinião na qual o produtor do texto expõe juízos de valor, com isso, o autor, muitas vezes, acaba imprimindo sua marca.

**PALAVRAS CHAVE:** modalizadores; crenças; juízos de valores.

**ABSTRACT:** This work is part of a research, that still, in progress, whose objective is to investigate the modal paper of certain words from the clipping analysis of the Newspaper “La Nación” propagated in the Internet during December of 2008 to May of 2009, considering the way as the people could communicate by the language, broadcasting their beliefs and their value’s judgments. It’s possible to observe that the modals elements removed of this newspaper portrays an evaluative attitude of the author of the text in relation to the message expressed, and still, establishes a more active interlocution with the reader trying to convince them though the validity of the opinion in which the author of the text exposes value’s judgments, with this, the author, many times, finish printing his trends.

**KEY WORDS:** modals; beliefs; values’s judgments

## Introdução

<sup>1</sup> Mestranda do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Letras Área de concentração: Linguagem e Sociedade- Unioeste- Cascavel/PR. E-mail: rejanetrisoni@hotmail.com

<sup>2</sup> Acadêmico do curso de psicologia.

<sup>3</sup> Mestranda do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Letras Área de concentração: Linguagem e Sociedade- Unioeste- Cascavel/Pr



Muito se tem discutido, tanto nos meios jornalísticos quanto fora dessa esfera, a respeito da neutralidade do jornalista frente à matéria que escreve. Para muitos autores, a pretensa neutralidade do jornalismo só existe no plano teórico, uma vez que o ato linguístico fundamental é o ato de argumentar (cf. KOCH, 1997).

Além disso, conforme pondera Di Franco (2009), como o jornal precisa manter a credibilidade diante de seus leitores, a neutralidade deixa de ser, na maioria das vezes, fundamental ao jornalismo:

Jornalismo não é ciência exata e jornalistas não são autômatos. Além disso, não se faz bom jornalismo sem emoção. A frieza é anti-humana e, portanto, antijornalística. A neutralidade é uma mentira, mas a isenção é uma meta a ser perseguida. Todos os dias. A imprensa honesta e desengajada tem um compromisso com a verdade. E é isso que conta. (DI FRANCO, 2009).

Para Di Franco (2009), não é preciso que o jornalista seja neutro em seus enunciados; o importante, ressalta o autor, é que ele tenha compromisso com a verdade. Mais do que desnecessária, a neutralidade é um mito, uma vez que não é possível a apresentação de um texto totalmente objetivo, completamente livre de marcas enunciativas.

Assim, despido de neutralidade, o jornalista manifesta suas opiniões e suas crenças, as quais são interpretadas a partir dos elementos linguísticos selecionados para constituir o texto. E tanto mais demarcado é o posicionamento do falante<sup>4</sup> quanto maior for o teor de argumentação possibilitado pelo gênero selecionado para a realização dos objetivos comunicativos.

Dentre as estratégias postas em cena para a demarcação do posicionamento do falante em relação aos seus enunciados, a modalização linguística ocupa lugar de destaque, uma vez que os modalizadores explicitam as atitudes, as crenças e os julgamentos do falante.

Da mesma forma que argumentação a modalização linguística é uma categoria intrínseca ao uso da linguagem. Conforme defende Neves (2006, p. 152), o próprio ato de enunciar implica

<sup>4</sup> Neste trabalho, usamos o termo falante conforme Castilho e Castilho (1992), Neves (1996; 2006) e Núñez (1991), os quais, por sua vez, pautados em Lyons (1977), consideram que a modalidade expressa a atitude do falante em relação ao dito no conteúdo proposicional



em modalizar: “se a modalidade<sup>5</sup> é, essencialmente, um conjunto de relações entre o locutor, o enunciado e a realidade objetiva, é cabível propor que não existam enunciados não-modalizados”.

Continuando essa reflexão, a autora defende que é muito improvável que

[...] o enunciado se possa manter como uma asserção descompromissada das intenções e das necessidades do falante que assevera: é muito improvável, afinal, que um conteúdo asseverado num ato de fala seja portador de uma verdade não filtrada pelo conhecimento e pelo julgamento do falante. (NEVES, 1996, p. 171).

Nesse sentido, a própria forma de enunciar revela o enunciador: “cada tipo frasal tradicionalmente reconhecido (frase declarativa, interrogativa, optativa, exclamativa e imperativa) revela um tipo de opinião por parte do falante, e, portanto, corresponde a um tipo de modalidade” (NEVES, 2006, p.154).

Essa interpretação ancora a ideia, já anunciada, de que não é possível que um jornalista produza um texto totalmente neutro, já que modalização e argumentação são categorias intrínsecas à interação verbal. No entanto, alguns gêneros textuais – em especial, os assumidamente opinativos – abrem espaço para que essas marcas modalizadoras sejam atualizadas na superfície textual de forma explícita, demarcada.

Essa perspectiva de análise coaduna-se com o pressuposto, apresentado por Neves (2006, p. 25), de que o falante imprime, por meio da língua, metas e intenções direcionadas ao ouvinte no sentido de convencê-lo de seu discurso. Para tanto, o produtor recorre a estratégias linguísticas variadas, dentre as quais se destaca o uso de elementos modalizadores.

Levando-se em conta as ideias apresentadas acima, o percurso traçado para o desenvolvimento deste trabalho busca averiguar a função assumida por elementos modalizadores em textos opinativos retirados do jornal *La Nación*<sup>6</sup>. Parte-se da hipótese de que tais elementos linguísticos retratam uma atitude avaliativa do produtor<sup>7</sup> do texto em relação à mensagem expressa e, nesse processo, estabelecem uma interlocução mais ativa com o leitor, uma vez que

<sup>5</sup> Os termos *modalidade* e *modalização* são sinonimamente empregados neste trabalho, conforme o fazem Castilho e Castilho (2002, p. 201) para eles essa distinção “é um pouco especiosa, pois de qualquer forma sempre há uma avaliação prévia do falante sobre o conteúdo da proposição que ele vai veicular, decorrendo daqui suas decisões sobre afirmar, negar, interrogar, ordenar, permitir, expressar a certeza ou a dúvida sobre esse conteúdo, etc.”

<sup>6</sup> Toda vez que for citado o jornal *La Nación*, faz-se referência ao jornal paraguaio veiculado na Internet (*online*).

<sup>7</sup> O termo produtor do texto, ou apenas produtor, falante e autor são usados em referência ao jornalista paraguaio.



são usados com o intuito de convencê-lo da validade da opinião assumida pelo produtor do texto. Assim, os modalizadores retratam um recurso usado pelo falante para induzir, convencer, confundir, alertar, persuadir, aconselhar, influenciar e informar o leitor.

Tomamos como aporte teórico para sustentação desta pesquisa os estudos de Parret (1988), Castilho e Castilho (1992) e Neves (2006; 1996), dentre outros estudiosos contemporâneos. Atraídos pelo modo como as pessoas se comunicam e interagem por meio da língua, esses pesquisadores dedicam-se a verificar como o falante manifesta o seu julgamento e posicionamento a respeito do que se está sendo dito.

Os estudos acerca da modalização linguística propostos por esses autores, dentre outros, subsidiam a hipótese de que, apesar de todo uso da linguagem envolver a modalização – já que, em qualquer caso, o falante escolhe a forma como vai organizar o seu enunciado –, essa categoria linguística atualiza-se de forma mais enfática por meio de certos vocábulos, descritos como elementos modalizadores. Estes, quando postos em cena – em especial em textos opinativos –, podem demarcar o objetivo do autor de levar o leitor à concordância e à aceitação do seu ponto de vista.

Em outras palavras, os conceitos de modalização expressos nas obras que amparam este estudo revelam que é possível verificar a forma como o falante encaminha seus pontos de vista. Assim, a interpretação dos elementos modalizadores possibilita observar se o falante estabelece seu posicionamento no âmbito da imposição, o que estaria próximo do que se convencionou chamar de eixo deôntico, ou se estaria mais afeto a uma forma de imprimir proximidade com a informação repassada, estratégia mais compatível com o eixo epistêmico.

Esta investigação objetiva, em última análise, contribuir para o aprofundamento dos estudos linguísticos no que tange à modalização, com a demonstração do funcionamento das modalidades em condições específicas de produção, que, em nosso caso, envolve a esfera jornalística. Assim, também esperamos contribuir com os estudos relacionados a essa esfera específica, por meio de nossas considerações a respeito do modo como o jornalista demarca seu posicionamento, suas certezas e incertezas a respeito do que ele enuncia – em nosso caso, em relação ao governo paraguaio Lugo.

Ressaltamos que as reflexões apontadas neste trabalho emergem de considerações ainda iniciais e se alicerçam em um *corpus* restrito. Neste sentido, elas não podem ser consideradas definitivas ou concluídas, já que as análises apresentadas se limitam a focalizar os elementos



modalizadores em enunciados jornalísticos à luz das teorias apresentadas neste trabalho.

## A modalização

Considerando que o objetivo maior deste trabalho é mostrar a função modalizadora que certos elementos linguísticos assumem no enunciado, mostraremos, resumidamente, os conceitos e os tipos de modalização linguística tradicionalmente descritos (*epistêmica* e *deôntica*). Para tanto, recorreremos aos estudos de Castilho e Castilho (1992), Parret (1985), Núñez (1991), Neves (1996), Neves (2006), Sella (2007), dentre outros autores.

## A classificação da modalização linguística

A modalidade se caracteriza pela maneira como o falante revela sua atitude, seu posicionamento, seu julgamento em relação aos seus enunciados. Tradicionalmente, ela é estudada segundo a divisão em três categorias básicas: *modalidade epistêmica*, *modalidade deôntica* e *modalidade alética*.

A modalidade alética é usada para averiguar o valor de verdade ou da falsidade da proposição. A modalidade deôntica se manifesta no eixo da conduta; o produtor a utiliza para impor, obrigar, ou permitir algo a alguém. Já a modalidade epistêmica imprime uma avaliação do locutor a respeito do conhecimento que ele tem sobre um estado de coisas.

Nas seções abaixo, apresentamos alguns recortes retirados do jornal *La Nación*. Tratam-se de exemplos que foram utilizados para fins de explicação. Os recortes foram dispostos em dois eixos, epistêmicos e deônticos, e distinguidos, no interior de cada eixo, a partir do viés específico de modalização que assumem. Observamos que traduzimos os recortes e que a tradução dos recortes, ou seja, a versão original está disposta em nota de rodapé.

## A modalização epistêmica

A modalização epistêmica ocorre quando o falante revela, ao interlocutor, sua atitude, seu posicionamento, seu julgamento sobre o conhecimento que ele tem de um estado de coisas. Esse tipo de modalização depende do grau do conhecimento do falante sobre um determinado



assunto, fazendo com que o enunciado se situe no campo da certeza, da possibilidade ou da incerteza.

### No campo da certeza

No campo da certeza, a modalização epistêmica indica que o enunciado é necessariamente verdadeiro ou falso. Nele o falante imprime com maior força seu comprometimento com a verdade. Essa estratégia contribui para se chegar à adesão do interlocutor ao conteúdo da mensagem, já que a este resta, apenas, a aceitação, uma vez que o falante recorre à necessidade epistêmica e considera verdadeiro o que se apresenta no conteúdo proposicional, o qual é afirmado ou negado de maneira a não dar margem a dúvidas. O fragmento abaixo<sup>8</sup> ilustra um produtor que, no extremo da certeza e do certo, avalia como verdadeiro o enunciado que ele produz sem espaço para dúvida e sem relativização:

(1) <sup>9</sup>Colorados e ovedistas são lobos à espreita de nossa democracia, nem todos certamente, mas sim seus principais líderes.

Ao enunciar, o jornalista emite um elevado grau de certeza a respeito do que está sendo dito. Isso é revelado tanto pelo uso do presente do indicativo quanto pela presença de **certamente**, modalizador que reforça a ideia de certeza.

Essa minimização do espaço de relativização da certeza é assim explicada por Neves (1996, p. 179): “no extremo da certeza há um enunciador que avalia como verdadeiro o conteúdo do enunciado que produz, apresentando-o como asseveração (afirmação ou negação), sem espaço para dúvida e sem nenhuma relativização”. Para a autora, o conhecimento do falante em relação à proposição o compromete com a verdade das declarações. Dessa maneira, o jornalista responsável pela asserção apresenta-se como conhecedor da política paraguaia

### A modalização epistêmica nos graus da possibilidade

<sup>8</sup> Os exemplos que ilustram os tipos de modalização foram retirados de nosso *corpus* de análise.

<sup>9</sup> Colorados y ovedistas son lobos al acecho de nuestra democracia, no todos **ciertamente**, pero sí sus principales líderes



A expressão da possibilidade epistêmica, que pontua o enunciado como “possivelmente” verdadeiro ou falso, permite um descomprometimento do produtor, uma vez que, ao enunciar, ele se exime da responsabilidade sobre a verdade ou a falsidade da proposição.

Nos fragmentos abaixo, observam-se alguns dos diferentes graus do possível. Para tanto, elaboramos supostas variações para o enunciado (1), seguindo o modelo proposto por Neves (1996, p. 179), que ilustra a graduação da relativização do possível dentro *continuum* da avaliação epistêmica (graus de certeza).

- (2) **É absolutamente possível** que colorados y oviedistas sejam lobos à espreita de nossa democracia.
- (3) **É indiscutivelmente possível** que colorados y oviedistas sejam lobos à espreita de nossa democracia.
- (4) **É bem possível** que colorados y oviedistas sejam lobos à espreita de nossa democracia. Espreita.
- (5) **É possível** que colorados y oviedistas sejam lobos à espreita de nossa democracia.
- (6) **Seria possível** que colorados y oviedistas fossem lobos à estreita de nossa democracia.
- (7) **É pouco possível** que colorados y oviedistas sejam lobos à espreita de nossa democracia.
- (8) **Seria pouco possível** que colorados y oviedistas fossem lobos à espreita de nossa democracia.
- (9) **É muito pouco possível** que colorados y oviedistas sejam lobos à espreita de nossa democracia.
- (10) **É quase impossível** que colorados y oviedistas sejam lobos à espreita de nossa democracia.
- (11) **Seria quase impossível** que colorados y oviedistas fossem lobos à espreita de nossa democracia.



Os exemplos acima mostram nuances quanto às possibilidades de oscilação no eixo epistêmico. Mais especificamente, retratam diferentes formas de se expressar a *possibilidade epistêmica*, a qual permite a baixa adesão do falante com respeito ao conteúdo verbalizado.

### A modalização epistêmica no campo da incerteza

No entanto, para expressar a falta de conhecimento, há formas de modalizar o discurso que permitem expressar a dúvida. Com isso, o falante distancia-se do texto, não comprometendo-se integralmente com o conteúdo enunciado:

- (12) **Eu acho que** colorados y oviedistas são lobos à espreita de nossa democracia.
- (13) **Talvez** colorados y oviedistas sejam lobos à espreita de nossa democracia.
- (14) **Provavelmente** colorados y oviedistas sejam lobos à espreita de nossa democracia.

Castilho e Castilho (1992) mencionam que esse tipo de ocorrência modalizadora indica que o falante está próximo à verdade, como uma hipótese que depende de uma confirmação. Nos exemplos (12), (13) e (14), percebemos que os modalizadores imprimem incerteza a respeito do que se enuncia. Esses exemplos mostram que a escolha dos modalizadores revela o grau de conhecimento do falante acerca do conteúdo expresso.

Ao modalizar no campo da incerteza, o falante se isenta de responsabilidades, já que não assume como verdadeiro ou falso o seu enunciado. Conforme apontam Castilho e Castilho (1992), no campo da incerteza, o falante revela um conhecimento que está “próximo à verdade, como uma hipótese que depende de confirmação, e por isso mesmo ele se furta de toda responsabilidade sobre a verdade ou a falsidade” (CASTILHO; CASTILHO, 1992, p. 207).

Há, portanto, nos enunciados (12) a (14), marcas linguísticas que revelam uma baixa adesão do falante, demonstrando insegurança em relação ao que está sendo exposto. Porém, essas marcas conferem ao locutor credibilidade, pois, “confessando suas dúvidas e incertezas, o sujeito enunciativo, ao invés de perder, ganha credibilidade” (NEVES, 1996, p. 183).





## A modalização deôntica

O termo *deôntico* origina-se da palavra grega *déon*, que significa o que é obrigatório. No campo da modalização, refere-se à conduta do emissor quando este impõe, obriga ou permite algo. Portanto, a “modalidade deôntica se situa no domínio do dever (obrigação e permissão) e se liga à volição e à ordem” (NEVES, 1996, p. 187).

Os exemplos abaixo são ilustrativos desse tipo de modalização:

(13) <sup>10</sup> O mandatário **deve** “governar” o país e para isso ele **precisa** fixar acordos, estabelecer consensos com os partidos políticos e o Congresso para sair deste lamaceiro.

Nesse fragmento, o produtor imprime uma ordem por meio do modal *dever* e do verbo *precisar*. Esses verbos deônticos indicam, no caso em análise, que o presidente paraguaio deve/tem a obrigação de governar e que ele precisa estabelecer acordos para resolver os problemas políticos paraguaios. Já não se trata de demarcar o teor de verdade do que está sendo dito, como ocorre com a modalização epistêmica. A modalidade deôntica revela que o falante deseja atuar fortemente sobre o interlocutor ao apresentar “um estado de coisas que deve, precisa ocorrer obrigatoriamente” (CASTILHO; CASTILHO, 1992, p. 207).

De forma geral, a modalidade deôntica refere-se ao eixo da conduta, relacionado à ordem ou à permissão. Nesse sentido, essa categoria da modalização requer um controle do falante sobre o ouvinte, que é atualizado por meio da ordem, da permissão ou da volição.

De forma geral, a modalidade deôntica refere-se ao eixo da conduta, relacionado à ordem ou à permissão. Nesse sentido, essa categoria da modalização requer um controle do falante sobre o ouvinte, que é atualizado por meio da ordem, da permissão ou da volição oposta à modalização epistêmica que se relaciona a uma avaliação do falante, a qual dependerá, como anunciamos anteriormente, do grau de certeza e do conhecimento do falante.

Observamos que os verbos modais podem assumir diferentes sentidos no enunciado, aos quais chegamos, em geral, observando o contexto em que tais elementos estão inseridos. Essa

<sup>10</sup> El mandatario *debe* “governar” el país y para ello *necesita* concertar acuerdos, establecer consensos con los partidos políticos y el Congreso para salir de este atolladero



polissemia é observada, por exemplo, nos modais *dever* e *poder*, que podem expressar tanto obrigação como permissão, ou, ainda, probabilidade e possibilidade (cf. NEVES, 1996, 2006).

Vejamos, no quadro abaixo, algumas ocorrências desses modais em nosso *corpus* de análise:

1a)	<b>DEVER</b>	INDICANDO	<i>A prioridade deste governo <b>deve</b> estar enfocada em planos para enfrentar a crise financeira nacional e mundial.</i> <sup>11</sup>
	OBRIGAÇÃO: DEÔNTICO		
1b)	<b>DEVER</b>	INDICANDO	<i>Lugo <b>deve</b> saber que os erros podem ser perdoados.</i> <sup>12</sup>
	PROBABILIDADE: EPISTÊMICO		
2a)	<b>PODER</b>	INDICANDO	<i>As pessoas <b>podem</b> desculpar os erros ou as distrações de Lugo</i> <sup>13</sup>
	POSSIBILIDADE: EPISTÊMICO		
2b)	<b>PODER</b>	INDICANDO	<i>Não <b>pode</b> continuar cometendo absurdos, burradas a cada instante e tentar esconder ou disfarçar sua responsabilidade culpando a outros.</i> <sup>14</sup>
	PERMISSÃO: DEÔNTICO		

Em (1a) – *A prioridade deste governo **deve** estar enfocada em planos para enfrentar a crise financeira nacional e mundial.* –, notamos que o enunciado está deonticamente demarcado pelo verbo *dever*, determinando que o governo deve ter, obrigatoriamente, de determinar planos para enfrentar a crise financeira nacional e mundial.

Já no enunciado (1b) – *Lugo **deve** saber que os erros podem ser perdoados* –, percebemos o uso do verbo *dever* com outro sentido. Não se trata de ordenar ou demarcar uma necessidade, mas de expressar um conhecimento apoiado em um certo juízo de valor. Este ancora-se no fato de um dos motivos que contribuíram para a eleição de Lugo referir-se à opção religiosa desse político. Como o povo que o elegeu, Lugo é cristão. Assim, o produtor do enunciado avalia que, considerando os valores religiosos, o povo perdoará o presidente.

Também assume sentido epistêmico o verbo *poder* usado em (2a) – *As pessoas **podem** desculpar os erros ou as distrações de Lugo*. Nesse caso, reconhece-se que quem elegeu Lugo pode desculpá-lo considerando suas crenças e seus valores cristãos. O falante se baseia, mais uma vez,

<sup>11</sup> La prioridad de este gobierno **debe** estar enfocada en planes para enfrentar la crisis financiera nacional y mundial

<sup>12</sup> Lugo **debe** saber que los errores pueden ser perdonados

<sup>13</sup> La gente **puede** disculpar las equivocaciones o las distracciones de Lugo

<sup>14</sup> No **puede** seguir cometiendo disparates, burradas a cada paso y tratar de ocultar o disfrazar su responsabilidad cargándolos en otros



TRAVESSIAS 07 ISSN 1982-5935  
 revistatravessias@gmail.com

no conhecimento que ele tem a respeito do povo que escolheu o presidente. Assim, pensando nos valores religiosos é que o falante modaliza seu enunciado.

Já em (2b) – *Não **pode** continuar cometendo absurdos, burradas a cada instante e tentar esconder ou disfarçar sua responsabilidade culpando a outros* –, observamos que o verbo *poder* veicula um valor deôntico, revelando permissão, ou melhor, a não-permissão, já que o produtor do texto não admite que o presidente da República de seu país cometa disparates e burradas que prejudicarão a sua Nação.

Assim, percebemos no *corpus* coletado que os verbos *dever* e *poder* podem indicar possibilidade, probabilidade, obrigação ou permissão. A expressão da probabilidade e da possibilidade ocorre no eixo do conhecimento, exigindo que haja um conhecimento do falante a respeito do que ele enuncia, conhecimento esse que pode estar mais ou menos próximo à certeza. Já a expressão da permissão e da obrigação ocorre no eixo da conduta, manifestando volição e obrigação, em que o objetivo é convencer o interlocutor a respeito da tese apresentada. Essa polissemia, já anunciada por outros autores, retrata uma característica própria das línguas naturais.

## Conclusão

Com esta investigação sobre do uso de modalizadores presentes em recortes do jornal “La nación” que circula pela internet podemos tecer algumas considerações, como a presença de modalizadores epistêmicos demonstrando, ora, conhecimento, ora, o desconhecimento do falante ao construir enunciados modalizados epistemicamente na certeza ou na incerteza, imprimindo marcas de sua intenção e do seu posicionamento. Assim, percebemos um jornalista comprometido com o conteúdo da informação que veicula e modaliza seus enunciados no extremo da certeza, e, ainda, um jornalista que marca o seu descomprometimento e modaliza seus enunciados nos graus do possível.

Para Castilho e Castilho (1990) esses modalizadores “expressam avaliação sobre o valor de verdade e as condições de verdade da proposição”. E também, a presença de modalizadores deônticos, voltados para a obrigação, proibição, permissão, e a volição. Neste sentido, percebemos que não é o teor da verdade nem as condições da verdade que está jogo, como ocorre na modalização epistêmica, mas sim, o desejo do falante atuar fortemente sobre o interlocutor, levando-o a realizar um estado de coisas, de maneira a, sutilmente, levar o leitor a



agir em seu favor; o jornalista conduz o leitor para que ele aja ou pense de tal maneira, sem que haja questionamento.

Este trabalho nos direciona a refletir como são colocados os ideais políticos, a maneira que o interlocutor assume essa ideologia anunciada sem questionamentos, reflexões, ou relativizações, já que a proposição é conduzida por meio dos modalizadores no momento certo, não restando dúvidas ao leitor, tornando-o um indivíduo submisso, dócil, pronto para a aceitação desta verdade que lhe é sutilmente imposta, e, no entanto, este estudo auxilia a entender melhor o funcionamento destes mecanismos linguísticos, verificando, por meio destes elementos linguísticos, como se manifesta a crença e as intenções do jornalista paraguaio.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CASTILHO, Ataliba; CASTILHO, Célia. Advérbios modalizadores. In: ILARI, Rodolfo. (org.) **Gramática do português falado**. Campinas: Ed. Unicamp/Fapesp, 1992, 2.v.
- CORACINI, Maria José Rodrigues Faria. **Um fazer persuasivo: o discurso subjetivo da ciência**. São Paulo: Educ; Campinas: Pontes, 1991.
- CORBARI, Alcione Tereza. **Um estudo sobre os processos de modalização estabelecidos pelo par “é + adjetivo” em artigos de opinião publicados no jornal Observatório da Imprensa**. Cascavel, 2008. Dissertação (Mestrado em Letras). Centro de Educação, Comunicação e Artes. Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE.
- DALL’AGLIO-HATTNER, Marize Mattos. Pesquisas em sintaxe: a abordagem funcionalista da evidencialidade. In: MASSINI-CAGLIARI, Gladis; BERLINK, Rosane; GUEDES, Marymarcia; OLIVEIRA, Taísa Peres de (Orgs.). **Trilhas de Mattoso Câmara e outras trilhas: fonologia, morfologia e sintaxe**. Araraquara: Cultura Acadêmica, 2007, v. 12, p. 103-145
- JORNAL LA NACIÓN, fev/março/abril. 2009. Disponível em: < <http://www.lanacion.com.py/>>. Acesso em: 11 abr. 2009.
- KOCH, Ingedore Villaça. **Argumentação e linguagem**. 8.ed. São Paulo: Cortez, 2002.
- NEVES, Maria Helena de Moura. A modalidade. In: KOCH, I. G. V. (org.). **Gramática do português falado**. Vol VI: Desenvolvimentos. Campinas, SP: Editora da UNICAMP/FAPEESP, 1996, p. 163-199.



- \_\_\_\_\_. Texto e gramática. São Paulo: Contexto, 2006, p.11- 221. [LEMOS, Andre.](#) (orgs). Cibercidade: as cidades na cibercultura. Rio de Janeiro: E- papers, 2004.
- NÚÑEZ, Salvador. **Semântica de la modalidade en latín.** Granada: Servicio de Publicaciones de la Universidad de Granada, 1991.
- PARRET, Herman. **Enunciação e pragmática.** Campinas: Editora da UNICAMP, 1988.
- PINHO, José Benedito. **Publicidade e Vendas na Internet: técnicas e estratégias.** São Paulo : Summus, 2000
- POLCHLOPEK, Silvana Ayub. **A interface tradução-jornalismo.** Um estudo de condicionantes culturais e verbos auxiliares modais em textos comparáveis das revistas Veja e Time. Florianópolis, 2005 Dissertação (Mestrado em Estudos da Tradução). Universidade Federal De Santa Catarina.
- SELLA, Aparecida Feola; ROMAN, E. C.; BUSSE, Sanimar. **Subentendido e preservação da face: do enunciado ao texto.** Disponível em: <<http://e-revista.unioeste.br/index.php/temasematizes/article/viewPDFInterstitial/545/456>>. Acesso em: 02 jul. 2007.
- VICENTI, Fernanda. **Predicado nominal em posição temática: papéis modalizadores.** Cascavel, 2007. Dissertação (Mestrado em Letras). Centro de Educação, Comunicação e Artes. Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE.